

# O NOSSO TEMPO

REDACÇÃO, 35 RUA DOSOURIVES 35



RESULTADO DO EMPENHO DE HONRA

Lith. Valente Rua do Hospicio 101.

## EXPEDIENTE

Agradecemos a offêria dos exemplares das seguintes publicações, que nos foram bondosamente enviadas:

AO SR JOSÉ AVILA DE MIRANDA OSÓRIO — *Primeiras Estrophen*, collecção de poesias, entre as quaes ha algumas muito mimosas.

AO SR A. CORRÊA — *Harpejos e Variações*, produções em verso de variado metro e covado. A melhor de todas é a ultima, não só por ser a melhor, como por ser a ultima.

AO SR M. САЗОВ — *Acabemos!* opusculo sobre a questão religiosa. Não está máu modo de acabar, começar de novo. Ora o diabo não tem somno!

AO SR J. M. ALVES DA ROCHA — *Fugitiva*, polka para piano pelo Sr Arthur Camillo de Souza. Não podemos dar-lhe a nossa opinião porque mal a vimos: chegou logo uma pessoa que a levou.

N. II. — A pecca gostou.

SR A. J. C. — Prata é o bom fallar, isso é. Pois leve o seu bom fallar ao *pivô*, a vêr quanto lhe emprestam sobre elle, (mesmo na casa do nosso amigo Samuel).

SR G. & B. — Perdeu a occasião. Ainda quizemos vêr se podia dar-se-lhe um geito, mas não havia meio. Para outra vez.

SR R. B. — Não seja massante. Se não tem que fazer, vá torrar pipocas.

## O PÉ DO ACTOR

Se ha pé que mereça bem ser posto em pé no tapete da apreciação, é sem duvida alguma o pé do actor. Esta asserção está em pé.

O pé, seja grande ou seja pequeno, pertença a este ou áquelle individuo, de qualquer raça, de qualquer familia ou classe que elle seja, é sempre considerado como um simples ponto de apoio para a salvança da locomoção.

Com o pé do actor é diferente.

Serve-lhe ás vezes para caminhar; mais frequentemente, porém, para recuar é que elle se ve.

Ha-os tambem, e não são poucos, que nem para recuar, nem para caminhar: servem unicamente para fazer finca-pé.

Não ha actor que junto á galá, ao pé da ingenua, e mesmo aos pés da pesada dama central não faça o seu « pé de alferes. »

E' sina que o acompanha, desde que pöz o pé no theatro até mesmo depois que a fidade lhe pöz o pé na cara, pondo-lhe no pé dos olhos os enrugados pés de galinha.

Para elles tudo é pé.

Ha actor que entra em scena com o pé direito, e no entanto caminha torto.

Outros andam ahí de cabeça em pé, e não sabem onde têm o pé nem a cabeça.

Alguns, fazendo da arte uma cousa sem pés nem cabeça, affrontam os pés dos espectadores e lhes vão passando o pé.

Ha-os até, Deus lhes perdoe, que, mettendo os pés pelas mãos, vão mettendo os pés na arte e sem que ninguém lhes metta os pés.

Só em uma cousa se conservam no mesmo pé: é no médo aos pés dos espectadores.

Depois que se inventou a bota Joly, como ficou demonstrado, o pé da actriz é igual perante a bota:

Com o actor dá-se o contrario: perante o pé do actor toda a bota é igual.

Porquanto, o pé do actor é para todas as botas.

E' uma especie de pé de defuncto, para o qual serve todo o chinello velho.

O pé do actor vai com tudo quanto é calçado.

Desde o chinello até o cothurno, desde o sóco salão até a bota de pommento, o actor mette os pés em tudo.

Não foi da morte que se escreveu, foi do actor que se disse: *cuo pulsat pede*.

O pé tem consequentemente grande influencia no caracter do actor.

Pelo dedo se conhece e gigante, diz o rifão. O actor—que não é gigante—se conhece pelo pé.

Exemplos:

Se o pé pertence a um actor pontual á hora do ensaio e á hora da representação, mesmo quando a empresa não está em bom pé, é pé firme.

Se é de actor carola que vai á missa, pega na tocha, lê o *Apostolo*, e se persigna antes de entrar em scena, é pé de altar.

Se é de actor que escova os dentes e calça meia limpa por dentro da bota, é lava-pé.

Se é de actor que beija a mão á dama galá, fitando ao mesmo tempo olhares ternos no pé da ingenua, é pé leve.

Se é de actor que se não dobra ás observações da critica, falando sempre no theatro antigo, é pé de boi.

Se é de actor bisbilhoteiro, contador de novidades, é busca-pé.

Se é de actor que lisongea a empresa e faz festinhas á emprezaria, é rapa-pé.

Se é actor infeliz, que tem chuva em noite de beneficio, e só faz corte ás comparsas, é pé rapado.

Enfim, tomando pé n'este mar de pés, chega-se a esta conclusão:

E' no pé que está o actor.

D'isto não ha que arrodar pé.

SPEVXX.

## ELOGIOS FUNEBRES!

Passou quasi que desaperecebido ao publico e á imprensa um decreto do Sr José Bento, mandando buscar a Portugal dois professores, um de cada genero—masculino e feminino—para o externato de D. Pedro II. E' um dos actos mais louvaveis do governo do Sr José Bento, porque mostra á evidencia que S. Ex. é um espirito reformador que não transige com certas formulas anachronicas, em cousas de administração. Qualquer espirito vulgar tendo de preencher dois logares em uma escola como o externo, procuraria saber o que se tem feito no estrangeiro; mandaria vir os regulamentos internos; estudaria a disposição das materias do ensino, e modificaria a organização dos estudos de harmonia com as necessidades do meio. Depois d'isto apresentaria um programma, daria algum tempo para o estudo d'elle e abriria um concurso publico, aonde concorreriam muitos professores brasileiros.

Mas não! Isso seria muito burguez e muito comensinho, e a questão precisava ser resolvida de um modo brilhante. Portanto, S. Ex. decretou o contracto de dois professores estrangeiros, e a estas horas uma parte da Europa ficou sabendo que nós somos um dos povos mais adiantados do mundo, porque só a difficuldade da escolha, em vista do numero infinito de pessoas habilitadas que por cá temos, poderia decidir o ministro a mandar vir esses professores de além-mar.

A difficuldade da escolha seria insana, e, por isso, a difficuldade foi habilmente vencida. Valeu-nos a importação e sabemos fóra do vulgar. Devemos ter todos um grande contentamento na alma. Mas uma vez fomos engrandecidos aos olhos das nações amigas.

O peor é se alguém se lembra de nos dizer que entre os onze milhoes de habitantes que povoam o Brazil não ha dois capazes de exercer o cargo de professores da instrucção primaria. Culmnia!

Em um quidômbio descoberto ultimamente para os lados do Maranhão, foram encontrados 150 negros fugidos que tinham construido uma povoação, segundo todas as regras da arte, e que viviam na melhor sociedade. Um d'elles era encarregado de

ser padre e outro fóra nomeado commandante. Os dois poderes—Igreja e estado—vivião na melhor harmonia, e quando alguma vez se encontravam davam um publico testemunho de respeito: o padre beijava a mão do commandante e este depois beijava a mão do padre.

Não é esta uma perfeita solução ao problema da questão religiosa que ali se agita? Ora, quando isto é reconhecido por negros fugidos, e se apresenta ao espirito com este caracter de evidencia, o que é que se deve pensar do ministros que se prostram diante dos bispos, sem que os bispos se tenham prostrado primeiro diante d'elles?

E' triste dizê-lo, mas parece que entre nós os negros fugidos, é que vão na vanguarda da civilização. Se os nossos governantes fugissem, a vêr se voltavam depois mais progressistas?

S. M. o imperador passeia. *Le roi s'amuse.*

Ha pouco esteve em Marathona, povoação que dista de Athenas, no dizer do *Journal de Commercio*, apenas uns 36 *Kilogrammas*, (duas arrobas, pouco mais do antigo peso). De que modo percorreria S. M., um pouco enfraquecido já pela idade, uma distancia tão pesada? Não o sabemos. Entretanto o paiz examinha a passos agigantados, como d'autes, e ninguém dirá que o paço de S. Christião não abriga o sagrado penhor da nossa constituição, o nosso defensor perpetuo.

Mas em tudo ha compensações, e se S. M. teve de percorrer aos seus hombros, talvez, uma distancia de duas arrobas, no menos vinha refeito de força, e tinha passado sua temporada no Oriente, no paiz das mil e uma noites, dos pachás e das sultanas.

Sirva isto de consolação áquelles que acreditaram nas informações do *Journal*, e que estavam suppondo S. M. em uma situação difficil.

Na Assembléa Provincial um deputado disse no meio de uma hilaridade geral, que, tendo o Sr. José Bento ido visitar um encaraçado, o commandante lhe manifestou a conveniencia de ser adoptada a luz electrica na armada, como estava adoptado em quasi todas as marinhas estrangeiras. Depois de pensar um momento, a pessoa interpellada fez esta pergunta:

— Mas de que azeite é feita a luz electrica?

Esta asserção passou sem um protesto, sem uma aparte, em uma camara composta na sua grande maioria de conservadores.

Lamentamos que os liberais não tenham negado a veracidade d'essa asserção, porque o seu silencio mostra bem quanto são factiosos em cousas de politica. Ninguém acreditará que a ignorancia de um individuo vá até tal ponto, e se por acaso vai, não ha gloria para um partido em vencer um adversario tão adverso á physica elemental.

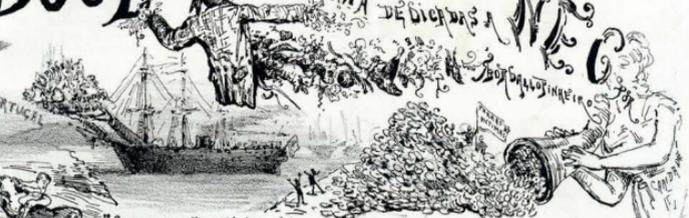
O deputado que referiu este episodio acrescentou que o Sr. ministro do imperio julgava que a luz electrica era feita de azeite de amendoim ou de carrapato.

Pela nossa parte suspendemos os nossos juizes, e vamos fazer experiencias a'uma candeeia a ver se o Sr. José Bento terá razão.

ANDBO.

# PAGINAS DE AGUADOGE

FANTASIAS DE QUINZENA DE DICHA DE M. C. DE BICHARDI



UMA VEZ DE OS ABRIGAR, COM PENA SOLO VISITAR, RESOLVIMOS ESTA SEMANA.

PREZAR UM LIGERO ACOMPANHAMENTO A ALGUNS TRENCHOS DO

BRILHANTE FOLHETIM 'DOMINGO', MENSARIO DO RIO, TOCADO PELOS ESPRITOSOS MES CONSERVEM POR

DO PELLAS

LA

COM PAGETE TRENCHOS UMA 'REMEMORAR DE GEMIDOS E SUSPIROS', ANDAREM QUE O ATLANTICO NAO E

"BASTANTE LARGO PARA DEVER OS IMPETOS DA 'FARTERINHA DE BARILEIRA!'

ENTRE NAO VAE AGORRETECENDO

OS PRIMEIROS ESTA INCRONDA

COMO UM - MINISTRO CONDUZINDO

EM UMA BELLA MADRUZADA ESTE VEZ PODIA A PULGAR DO LEITO.

EM UM PESADILHO

HOVAVELIZ DE NEGAVIA AS AGUAS CRESCEREM ACRESCEREM, COMO AS DIVIDAS DA

OS FIDELIS DALES ESTAVAM COMPLETAMENTE IMPERVIDOS E OS CHAMADOS 'DO MENCHE' CANTAVAM DO DIAFATO COM ESTE TELEGRAMAS.

O CAPITA APOSTAVA

O SENADO

ME BOLVA TRANSOR

MADO EM IMENSOS

CARAMELO

ADICIONASTE UM ARTIGO

MOTO AO RECIPIENTO E HA

EXPRESSAMENTE PROIBIDO

TRAZER HA QUESTOES RELIGIOSAS

A COM MEIO DE QUE COLAR

A DIFICULTE NAO DEBATEREM

HAELLA MOLE DE NEVE

1500000

BARATINHO E

UM Picnic

MA BASTA SO A BOCCA PARA IN A ROMA E Preciso

EN CHEIA

DIZ O MODERNO PEDRO EREMITA

PARTAMOS - EUMA

VIAJANTA E PUAL SERA LADRÃO QUE NAO GOSTARA

TUDO ISTO MECHIDO POR MRO DE SINHA

95

QUERIS NOTICIAS POLITICAS? IMAGINE UMA RECITENCIA INTERMINAVEL QUE VA DAS URNAS VAZIAS A TRIBUNA ANDI DESTROVORA E ENTROMIZAS NESTA UM PONTO DE INTERFERENCA CIANTESCO.

SABEM-VOS MELHOR AS POLEMICAS RELIGIOSAS?

Supponde um parentesis enorme

COLLOCARHA

HA A PRIMEIRA

PERGUNHA A

CIDADE ESTERNA

DO EXTERNO AS CHEIAS E "MUNDO DE UM APARELHO

"BOITON, ILUSTRADO, INVENTOR DAS CIGALHAS

"DYNAMICOS SUSTENTAVIA A EFFICACIA DOS MEIOS

"HOMOPATICOS E PROCURAVA ENCUCHAR O COLUVIO

"COM UMA FOLHA DE PAPEL MATA-BORRÃO

CADA UM TRATAVA DE SUBIR, SEM MUITO ESCRUPULO NOS

"MEIOS, COMO NEGADARIA POLITICA, OS DEPUTADOS

"FACIMOS DE LOS LLEITORES, OS DIRECTORES DE

"BANCOS PELOS ACIONISTAS, OS JORNALISTAS PELA

"OPINIA PUBLICA, E, EM POUCOS MOMENTOS, ESTE LEBDO

"E AS EMERGENCIAS FICAVAM CHEIAS DE FINIORS, QUE SAO

"SEMPRE OS QUE 'TREPAM' MAIS DE PRESSA.

## AS CONVENIENCIAS E AS CONSIDERAÇÕES

E' facilissimo notar-se e bem apreciar-se o movimento muitissimo visivel que se está dando em derredor das palavras—*conveniencia e consideração*.

Desde a classe mais altamente collocada até a que vive em menos larga esphera de acção, é muito pronunciado aquelle movimento, é incontestavel o asserto.

Accentua-se perfeitamente o caracter de nosso povo pelo valor mais ou menos real que elle dá aos dois termos que servem de epigrapho e motivo de nosso escripto.

Se por um lado a imprensa clama contra o proceder dos Srs conductores de bonds, dos Srs empregados publicos, inclusive os da Caixa Economica, dizendo que elles *saltam* por cima de todas as *conveniencias*, por outro lado vê-se o povo, que assiste ás sessões das camaras, protestar intimamente contra o procedimento do Srs. deputados em suas relações uns com outros, dando um espectáculo, que se não fôra motivo de riso, seria tristissimo, e ao que o povo chama—*não guardar as conveniencias*.

E eis ahí está, que desde os augustos legisladores até aos mais pequenos empregados, vemos que todos trabalham para a realisação do mesmo fim, vivem na contemplação do mesmo objecto, satisfazem-se na realisação dos mesmos desejos.

Uns e outros — e todos — vivem e morrem — *saltando considerações, não guardando as conveniencias*.

Note-se: esta é a opinião geral, da qual discordamos inteiramente, e agora mesmo que vemos o que acima escrevemos, não nos podemos conter, que não exclamemos, com um grito partido do intimo das nossas entranhas.

— Mas é mentira, por Deus!

Quando algum Sr deputado se mimosca com algum dito apimentado, que parece mesmo angú de quitandeira; quando os Srs conductores de bonds rogam aos passageiros o obsequio de com elles jogarem uma capoeira, um *coup-de-poing*, ou qualquer outro jogo mais delicado; quando os Srs empregados publicos respondem delicadamente aos que lhes perguntam qualquer coisa — « *que não os amolem!* » —; quando todos elles fazem todas essas coisas, não saltam por cima das *considerações* — ficam aquem d'ellas.

Quando os pais da patria, os empregados, os conductores, *et reliqua*, estão com os seus azeites e amofinados com as *meninas*, elles, os coitados, guardam as *considerações*, e bem guardadas — no bolso.

ESPECTADOR.

## DUAS PIADAS

*Est'outro dia o Jornal disse na sua Gazetilha, que « tinha noticias de Minas, a saber: de Rezende até 22 e Campanha até 16... etc.»*

O Sr que é professor de geographia, porque não casina ao Sr dos extractos, que Rezende, sem Rezende é uma cidade que fica alli assim quem vai pra a direita, ao lado esquerdo... mas na provincia do Rio!

Oh! Sr Achilles! Um professor de geographia....!

A *Gazeta* tambem deu o seu escorregão, dois dias depois, dizendo que as folhas da Europa annunciaram « que o Sr Bismark *fai alco* de uma manifestação hostil *contra a sua pessoa...* »

Podéra. Havia de ser gaino o príncipe ser alvo de uma manifestação *contra o seu avô... d'elle!*

Vê-se bem que a *Gazeta* tem em grande conta a bravura do grande Bismark, que não encarrega outrem de *ser alco* de manifestações dirigidas *contra elle...*

Oh! que gajos!

CURIOSO.

## BISALPICOS

D'esta vez é certo, vamos ter *bonds* para Santa Thereza. Disse-me o meu carteiro, e n'estes negocios de *bonds*, quando os carteiros fallam é porque sabem.

E então quando quando se trata dos *bonds* Srs. Plinios.

O facto é que não só já ha trilhões, como até reclamações *contra o modo de collocação d'elles*. Cedo começa a gritaria. Mas é sempre assim; mal por não os ter pósto, mal por tel-os pósto.

Contentem lá semelhante gente!

A apostar que todos os expositores que mandaram *coisas* a Philadelphia vão dar gritos de pavão quando lhes voltarem ás mãos, de torna-vingem e entregues aos bons e paternos cuidados do cidadão Morris Kohn, os seus productos. Tiveram o gosto de fazer gener os prelos, andaram celebrados em prosa e verso, ganharam medalhas *a dar c'um pau*, e por alguma trapalhice d'essas que no encaixotar se fez em fanicos, são capazes de pedir—como indemnisação—algun novo contracto Berlink.

Já o disse não me lembra quem, que por força o tal contracto era bom, e a prova é ter cahido, que assim cahisse do Sr José Bento da sua pasta abaixo.

Tambem me parece.

E' fóra de duvida que se o boi tolos os annos eleva as suas pretensões até á altura de 200 rs. o kilo, um bello dia teremos de renunciar á sua posse, limitando-nos a adoral-o—platicamente.

A causa d'isto, percebeu logo o Sr ministro do Imperio. O boi precisava de ser regulamentado. E zás! como o Sr Berlink se sujeitava a chamar o boi a melhores sentimentos...

Outra fóra o Sr José Bento, que encarregara d'esse trabalho de Hercules — o Conservatorio Dramatico.

E o dito Conservatorio estava mesmo ao pintar para resolver essa questão. Suponho eu, e suppõem mais algumas pessoas ingenuas porém bem intencionadas, que sendo aquella corporação a encarregada de elevar o nivel da arte dramatica, passam pela sua censura prévia as peças que se representam na praça dos touros. Nem pôde deixar de ser — o Conservatorio lá tem o seu logar reservado.

O que porém me está dando cuidado é saber se João Censura, mantendo sempre as suas theorias sobre representações particulares, se não opporá á projectada tourada de curiosos, organisando, em collaboração com o Pin-o-terrivel, alguma nova *taxaristada*.

Pois se João o fizesse, não era mal feito. A lei é clara: para quatro fulanos se reunirem e darem uma representação, é de absoluta necessidade que tenham *estatutos approvados pelo governo*.

Para o que se dispensa perfeitamente essa formalidade é para ser enxovalhado pelos urbanos, que ao desenvolver do calor estão desabrochando e fructificando em brutalidade que é um louvar a Deus de cocoras.

As tradições policiaes são essas, e nós devemos sempre animar os homens que respeitam as tradições. Contudo, não é uma perspectiva excessivamente tentadora, encontrar na policia mais um inimigo da integridade das nossas costellas.

Folgam porém, com isso, os medicos. As quinzenas têm-se succedido, mas tão semelhantes umas ás outras que parecem sahidas dos *clichés* photographicos do meu amigo Pacheco. Não ha nenhuma boa epidemia, e a colheita de febre amarella este anno é toda na Bahia. E' até caso para admirar que a Escola de Medicina não tenha já dado a sua demissão em massa. Não ha que fazer!

Sempre que se toca na Bahia, e eu agora toquei-lhe sem querer, sinto uns arripios de frio pela espinha *do orsal*, como dizia o outro. Uma vez um dos meus collegas permitiu-se dar algumas piadas aos comprouvianos da Paraguassú, e isso rendeu-me uma furiosa decompostura em carta pelo Correio. Se bem me lembro, nem se quer vinha franca de porte. E d'ahi, valia — e vale ainda — o meio tostão do regulamento. No dia em que, desenganado do mundo, dos homens, e das mulheres, me resolver a fundar uma folha clerical, tenho alli com que desbancar o *Apostoto*, ainda que este reforce a sua redacção com tres duzias de pretas minas.

Estas reflexões, um tanto longas mas assás soporíferas, acudiram-me á penna ao lembrar-me do caso de um navio inglez que ha dias deixou o porto da Bahia sem se despedir. Em vão as fortalezas todas começaram um bombardeamento que na mesma guerra do Paraguay não houve muitos assim: o inglez fez-se ao largo e os espectadores estão ainda hesitando em decidir se a culpa foi dos artilheiros, mais entendidos no *fadinho* do que na arte das pontarias, ou se foi das ballas, que eram talvez de manteiga.

Quem sabe se não eram ballas de ovo? Na Bahia são tão cheios de docuras.

Agora o que havia de ter graça é se na Bahia achavam maior *alcance* ás minhas observações, do que ellas podem ter.

O alence que não tinham as artilharias de S. Marcello e da Gambôa.

E' o mesmo: se os accometter alguma febre, que bella occasião para os Srs da Sociedade de Acclimação lhe applicarem a sua apregoada Quina Kalyssaia.

Ou manda-los plantar da mesma.

Bob.

# ROMARIA AO VATICANO

A QUARTA

DEPOIS DE VIAGROS

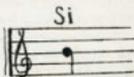


UNS VOLUNTAROS LIQUIDADOS PAPADOS E INDULGENCIADOS: OUTROS FRANCESADOS E ACARDOS — IMPEDINDO ASSIM O GOVERNO



DE OFFERECER-LHES ISTO — QUE SEGUNDO TRACADABRS (CARZETA) "SERIA BEM O NOSSO PREMIO — MONTHYON, A GRINALDA " PARA A COROACAO DAS ROSIÉRES, SERIA UM TITULO " HONORIFICO, UMA CONDECORACAO, A VERDADEIRA

ESTUDO QUANTO SOBRE ESTA QUINEM SE QUEREM MANEJOS NOVIDADES PROCUREM O



QUE SABE TUDO

ATE QUE FERNANDO DE NORONHA DEITOUOS BRACINHOS DE FORA.

POR ULTIMO = SCISMO — SI O MUNICIO E COLLEGA ANCELARACOTINI TEVE RACAO DE SENHANDO NO SEU N.º 47 DA REVISTA



ESTA EX.º MEDITANDO! SOBZ SEMPRE ASSIM O CARNEO MACIO DE S.ª.

OU SE ACASO MEDITAVA SERIA APENAS EM D. MARIA JOZE CANUTO NA ESCOLA NORMAL — OH, DEUSES SIMMORTES!!!



BONDALLO PINHEIRO